



#VidasQuilombolasImportam: discurso de resistência à necropolítica na gestão da crise do Covid-19

*#QuilombolasLivesMatter: discourse
of resistance to the necropolitics in the
management of the Covid-19 crisis*

AUTORES

Girley Vieira da Silva

 girleyvs@gmail.com



Doutorando em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-graduação em Linguística na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), pesquisador do Grupo de Estudos sobre o discurso da Mídia (Gedim/Ufes) e servidor público federal de carreira da área de comunicação social

Micheline Mattedi Tomazi

 michelinetomazi@gmail.com



Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro do GT em Linguística Textual e Análise da Conversação da ANPOLL e da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED) e coordenadora do Grupo de Estudos sobre Discursos da Mídia (Gedim/Ufes)

COMO CITAR

Silva, G. V. da. & Tomazi, M. M. (2021). #VidasQuilombolasImportam: discurso de resistência à necropolítica na gestão da crise do Covid-19. *Calidoscópico*, 19(3): 372-384. 10.4013/cld.2021.193.06

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão: 31/05/2021

Aprovação: 15/09/2021

DISTRIBUÍDO SOB



RESUMO / ABSTRACT

Este estudo analisa como atores sociais em rede resistiram e reagiram discursivamente ao abandono das comunidades quilombolas pela União na gestão da pandemia do novo coronavírus. Tendo como base os pressupostos da abordagem sociocognitiva dos Estudos Críticos do Discurso (Tomazi e Cabral, 2017; van Dijk, 1980, 2016, 2017a, 2017b), em diálogo com as ciências sociais (Santos, 2020; Mbembe; 2018; Oliveira, 2016) e com propostas teórico-metodológicas que se ocupam de fenômenos inatos ao ambiente digital (Santaella, 2016; Malini e Antoun, 2013; Malini 2020a, 2020b e 2020c; Mintz, 2019; Paveau, 2017), examinamos de que forma as estruturas discursivas como macroproposições, léxico,

Palavras-chave:
quilombolas;
necropolítica; Estudos
Críticos do Discurso

tópicos discursivos, transitividade verbal, multimodalidade, argumentação e quantificação (jogo dos números), impactadas por estruturas tecnológicas, foram mobilizadas pelo (e no) discurso para a resistência à necropolítica praticada pelo Estado brasileiro. A partir dos exames de postagens realizadas na plataforma Facebook foi possível identificar, por exemplo, que as estruturas discursivas supracitadas atuaram na estratégia de denúncia dos males causados pela necropolítica ao tempo que reforçaram os argumentos em favor da proteção especial aos quilombolas. Ademais, identificamos nas interações estudadas a performatividade como elemento característico desses contradiscursos.

This study analyzes how social actors in a network resisted and reacted discursively to the abandonment of quilombola communities by the Brazilian Federal Government in managing the new coronavirus pandemic. Based on the assumptions of the socio-cognitive approach of Critical Discourse Studies (Tomazi e Cabral, 2017; van Dijk, 1980, 2016, 2017a, 2017b), in dialogue with the social sciences (Santos, 2020; Mbembe; 2018; Oliveira, 2016) and with theoretical-methodological proposals that study phenomena innate to the digital (Santaella, 2016; Malini e Antoun, 2013; Malini 2020a, 2020b e 2020c; Mintz, 2019; Paveau, 2017), we examine how discursive structures such

Keywords:
quilombo community;
necropolitics; Critical
discourse studies

as macropropositions, lexicon, discursive topics, verbal transitivity, multimodality, argumentation and quantification (numbers game), impacted by technological structures, were mobilized by (and in) the discourse for resistance to necropolitics practiced by the government. The analyzes of postings made on the Facebook platform identify, for example, that these discursive structures acted in the strategy of denouncing the losses caused by the necropolitics while reinforcing the arguments in favor of special protection for quilombolas. Furthermore, in the interactions studied, we identified performativity as a characteristic element of these resistance discourses.

1. Introdução

Os graves problemas de ordem social, econômica e ambiental que o mundo vem enfrentando há décadas – cujas principais causas podem ser atribuídas à ação da mão invisível do mercado e da mão-leve dos financistas – não representam novidade aos que observam com a devida preocupação as mazelas que o neoliberalismo impinge à Gaia^[1].

Por isso, como bem pontuou Boaventura de Sousa Santos (2020), a pandemia do novo coronavírus apenas agravou um estado de crise que já se fazia presente na vida da população mundial. A inovação desta vez se deve à constatação de que a covid-19 colocou toda coletividade sob a mesma ameaça, independente da região ou do nível de desenvolvimento.

Mesmo assim, como se poderia esperar de algo conformatado no âmbito da sociedade neoliberal, esse vírus não prejudica as pessoas de forma indiscriminada e com o mesmo grau de intensidade e, portanto, os fenômenos a ele relacionados não podem ser compreendidos fora do contexto de exploração, desigualdade e dominação que é anterior ao momento turbulento que vivenciamos.

Decerto, há mais danos àqueles que já estavam localizados às margens da sociedade, aos do *Sul*, tal como descreve o conceito-metáfora de Santos (2020, p. 15) que nos ajuda a perceber como determinados marcadores sociais (raça, classe, gênero, etnia, entre outros) são mobilizados para separar privilegiados e não privilegiados em tempos de escassez como o atual: “[...] o Sul não designa um espaço geográfico. Designa um espaço-tempo político, social e cultural. É a metáfora do sofrimento humano injusto causado pela exploração capitalista”.

Preocupados em compreender como tem se conformatado essa dinâmica de reprodução e de aprofundamento das desigualdades no contexto da atual pandemia no Brasil, com foco especial aos impactos sofridos pelos povos e comunidades tradicionais^[2] (PCT) – os guardiães das florestas, que, pelo seu valor conservacionista, têm papel fundamental à sobrevivência da própria comunidade global e na devolução do equilíbrio à Gaia para que novas crises sanitárias, por exemplo, não se tornem rotina nas nossas vidas –, optamos por abordar neste artigo os ventos de resistência que sopram do Sul.

Mais especificamente, tendo como recorte o marcador de mobilização discursiva #vidasquilombolasimportam, analisaremos como atores sociais em rede resistiram e reagiram discursivamente ao abandono das comunidades quilombolas pela União na gestão dessa crise de saúde que

terá dizimado no país até maio de 2021 mais 460 mil vidas – uma vez que em 28/05/2021 haviam sido computados pelo consórcio de veículos de imprensa o número de 459,171 mil óbitos resultantes da pandemia (G1, 2021).

Outrossim, é imperioso ao debate aqui proposto considerar que o cenário de enfrentamento e reação aos impactos do coronavírus está intrinsecamente relacionado ao modo de vida no pós-digital^[3], moldado por um sistema socioeconômico sustentado na rentabilidade de bens imateriais e no emprego das tecnologias digitais como forma de exercício de poder, de produção de riqueza e de mediação das relações sociais.

Interessa-nos, especialmente, abordar fenômenos produzidos na esteira do que Thompson (2018, p. 20) conceituou como interação mediada on-line, uma forma de alargamento no espaço-tempo das relações sociais que se tornaram, nesse modelo definido pelo autor, ao mesmo tempo dialógicas e direcionadas aos múltiplos e quanto possíveis destinatários, circulando em um fluxo “[...] de muitos para muitos, e não de um para um”.

Nessa sociedade do pós-digital, não só os fluxos interativo e comunicacional são mediados. O que vivenciamos, aliás, é uma completa plataforma da vida, a consolidação de um modelo integrado de mediação de diferentes domínios da nossa existência por sistemas conectados via internet (Mintz, 2019). Esse cenário do viver on-line, em função das medidas de isolamento social, foi aprofundado; por isso, alguns dos poucos espaços que ainda funcionam em “modo de vida presencial” estão sendo tomados.

Dessa paisagem, podemos destacar a consolidação das formas de comunicação digitais nesta pandemia como os principais meios de práxis política, empregados como instrumentos de [re]ação. Assim, os discursos veiculados em plataformas digitais, neste momento de crise sanitária, passaram

[...] a orientar e moldar comportamentos fora delas, produzindo ou revertendo danos individuais e coletivos, entrelaçando-se numa dupla guerra a céu aberto: a que ocorre na vida cotidiana offline, resultante dos conflitos político-econômicos provocados por uma pandemia que deixou o capitalismo à beira de um colapso, sem nenhuma receita para reverter a depressão que se avizinha; e uma outra guerra, simbólica, nas redes sociais, capaz de dividir ainda mais a sociedade brasileira através de práticas políticas e culturais que banalizam a morte, desqualificam a ciência e normalizam um futuro feito apenas com os “mais fortes”, fortalecendo assim um cenário onde a acumulação social de conflitos se intensifica e já se apresenta como inevitável (Malini, 2020c, s.p.).

[1] Terra compreendida como um imenso organismo vivo, que, como tal, seria capaz de se autorregular. Assim, considerando a teoria da Ecologia sobre Gaia é possível supor que o SARS-CoV-2 representa um dos elementos que surgiram para favorecer a regulação de um sistema que estava em desequilíbrio (Firmo; Finamore, 2020).

[2] O conceito de povos e comunidades tradicionais (PCT) tem sido ampliado e atualmente não se restringe àqueles que ocupam áreas protegidas, mas passou a designar também “[...] distintos grupos sociais lutando por direitos sociais básicos e ao território, acesso aos recursos naturais e reconhecimento em políticas públicas adequadas às suas necessidades” (Calegare; Higuchi; Bruno, 2014, p. 116).

[3] Momento histórico em que “[...] a presença do universo computacional permeia todos os estratos de nossa vida” (Santaella, 2016, p. 83). O conceito, segundo a autora, comporta tanto o desencantamento quanto a fascinação por um cenário moldado pela hipercomunicação e pela hiperconexão.

Nesse contexto e partindo da premissa de que o discurso veiculado em plataformas de redes sociais digitais é fundamental no estabelecimento das relações de poder e para a reação ao abuso de poder, selecionamos como *corpus* deste artigo 148 postagens realizadas entre 1.º de fevereiro e 26 de novembro de 2020 em língua portuguesa no Facebook que empregaram a *hashtag* supracitada.

A coleta (extração) dos textos foi realizada por meio da ferramenta *CrowdTangle*, que permite buscar e extrair uma série de metadados de redes sociais da internet (Facebook, Twitter, Instagram e Reddit). Como orientação à busca, além de informar ao sistema a origem (Facebook) e o período a ser buscado (de 1.º de fevereiro a 26 de novembro de 2020), delimitamos alguns parâmetros como os tipos de metadados (fotos, links, status, vídeos e lives facebook) e a *query*^[4], assim definida: “(#vidaquilombolasimportam) AND (corona, covid, pandemia, lockdown)”.

O delineamento dessa *query* que, para a ciência de dados, representa um pedido de informação, ou seja, uma requisição de busca a determinado sistema, nesse procedimento teve por objetivo direcionar a extração do *corpus*, pois pretendíamos que o programa nos devolvesse por meio dessa requisição todas as postagens que apresentassem simultaneamente no texto (*post*) o conteúdo completo dos parênteses à esquerda da *query* e um dos vocábulos separados por vírgulas dos parênteses à direita da *query*.

A partir do resultado dessa extração de dados via *CrowdTangle* – um arquivo do tipo .csv que concentra uma série de metadados como conteúdo de cada *post*, interações, endereço dos perfis responsáveis por cada *post* etc. – partimos ao segundo passo metodológico, ou seja, a mineração (levantamento) dos metadados no programa Ford^[5]. Nesse sistema, por meio da execução de um *script*, obtivemos dois outros arquivos: o primeiro, do tipo .csv, trazendo as palavras hierarquizadas pelo número de ocorrências nessa busca (as chamadas *top words*); e o segundo, um arquivo em formato .gdf, que contém somente o conteúdo linguístico de cada postagem para ser aberto e editado no programa Gephi^[6], onde, finalmente, visualizamos os textos das postagens em formato de grafos de palavras que integram a análise do discurso a ser apresentada em seção específica deste artigo.

Na análise desse *corpus* – extraído, minerado e processado com o emprego de meios e técnicas da Ciência de Dados –, utilizamos como suporte os pressupostos teórico-metodológicos dos Estudos Críticos do Discurso (Tomazi e Cabral, 2017; van Dijk, 1980, 2016, 2017a, 2017b) e da Análise de Narrativa em Rede (Malini, 2013, 2020a, 2020b,

2020c), mobilizando a interface desses conhecimentos tanto na parte descritiva como no exame das estruturas discursivas identificadas nos textos apurados.

Na produção deste artigo, além da introdução ao objeto, desenvolvemos uma seção que discute a necropolítica e a opressão das comunidades quilombolas no Brasil. Na sequência, refletimos sobre o conceito de discurso e as formas de resistência a partir da prática do contrapoder e do contradiscurso presentes no ambiente digital e sua interface com a estruturas sociais, abordando especificamente as estruturas linguístico-discursivas que serão empregadas na análise. Por fim, trazemos à baila o exame das postagens no Facebook, seguido das considerações finais.

2. Necropolítica e a gestão da crise do coronavírus

Os quilombolas – grupo étnico racial compreendido a partir das relações sociais e territoriais próprias caracterizadas pela presunção de ancestralidade e de trajetória intrinsecamente relacionada ao processo de escravização de povos africanos no país (Oliveira, 2016) –, na condição de povos tradicionais, enfrentam no Brasil uma série de obstáculos tanto de ordem material como simbólica.

Além de alguns desafios comuns aos demais membros do *Sul*, os quilombolas são afetados pelo racismo estrutural determinante à hierarquização das relações de poder e das formas de desigualdades neste país. E, se não bastasse o Estado brasileiro ter desempenhado, ao longo da história, um papel importante para que a discriminação materializada nessas desigualdades se mantivesse, o atual presidente da República, autoridade máxima da Nação que responde institucionalmente pelas políticas públicas direcionadas às comunidades remanescentes de quilombos, assume uma posição pública e notória contrária aos direitos dessa população.

Esse contexto ainda mais adverso em termos políticos – um presidente que os discrimina^[7] e os persegue^[8] – torna a experiência da luta pela sobrevivência na pandemia do novo coronavírus aos membros desse grupo ainda mais desafiadora e os coloca na linha de ação de uma política de morte que tem sido implementada pela União.

Ao negar cuidados especiais e necessários a povos e comunidades tradicionais como quilombolas – vulneráveis à doença, às mazelas sociais e econômicas, entre outras – entendemos que o Governo Federal, nos termos de Mbembe (2018), elege os corpos quilombolas como descartáveis e institucionaliza, dessa forma, a prática do deixar morrer dessa

[4] Representa um conjunto de palavras ou expressões que compostas por meio do emprego de operadores booleanos básicos como *and*, *or*, *not* e o uso de aspas serão responsáveis por localizar conteúdos desejados a serem buscados via Interfaces de Programação de Aplicação (APIs) nas plataformas de redes sociais (Malini, 2020a).

[5] Programa desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre a Imagem e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo (Labic-Ufes) que executa ações de extração e mineração de dados da internet, além de automatizar inúmeras tarefas relacionadas a esses processos.

[6] Software livre, colaborativo e de código aberto que permite a visualização, manipulação e geração de grafos. Neste trabalho, o Gephi permitiu a elaboração de grafos de palavras que subsidiaram a análise do discurso coletado no Facebook.

[7] Fala do presidente do Brasil: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas (arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg). Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles” (Veja, 2017).

[8] “Socorro a indígenas e quilombolas foi o mais vetado por Bolsonaro”. (Valente, 2020).

Necropolítica em pauta na gestão Bolsonaro.

O Estado brasileiro tem criado seja pela omissão, seja pela ação direta – não demarcação e proteção de territórios, negação de políticas públicas de saúde e socioeconômicas ao enfretamento da pandemia etc. – as condições necessárias à destruição desses grupos.

Tais práticas são, segundo Mbembe (2018, p. 71), “[...] formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte”. Poder esse consolidado pela ação do discurso como mecanismo importante na dinâmica do biopoder – uma forma de controle e administração de populações por meio do domínio de instituições e pelo emprego de técnicas e conhecimentos – que é capaz de moldar parâmetros éticos e morais que tornam justificáveis práticas genocidas como essas em curso no Brasil.

Investigar fenômenos discursivos na atual crise sanitária impõe importantes desafios aos pesquisadores, conforme destaca Maingueneau (2020), pois, além de ainda estarmos vivenciando a pandemia de uma doença cujos principais aspectos (origem, efeitos, evolução, proteção etc.) não são dominados pela ciência, o discurso atualmente está completamente conectado à dinâmica do vírus em sua interface com a sociedade. Apesar das incertezas, segundo o autor, há um pressuposto que já pode ser considerado nos estudos nesse campo. Qual seja: “[...] esse vírus desperta medo no mundo inteiro e o discurso é chamado a responder a esse medo” (Maingueneau, 2020, p. 2).

Assim, necessitamos delinear de forma precisa, sobretudo em relação às peculiaridades do ambiente digital de circulação, essa que é a principal categoria teórica constitutiva do objeto ora estudado: o discurso. Razão pela qual abordaremos a seguir os meandros do universo discursivo.

3. Discurso e contradiscurso no ambiente digital

Não há vida fácil para quem se atreve a se aventurar no universo discursivo. Esse campo de estudos, que passou a se estruturar e a se desenvolver a partir da década de 1960, está em um processo de constante [re]construção. A dificuldade de se estabelecer um território teórico e conceitual para “chamar de seu” aumenta o desconforto de quem topou cumprir qualquer tarefa nessa área.

Maingueneau (2015a) associa essa instabilidade do campo da Análise do Discurso (AD) à própria noção de discurso, atravessada por uma espécie de polissemia embaraçadora. Esse autor, que produziu o texto denominado *O que pesquisam os analistas do discurso?* (Maingueneau, 2015b) na tentativa de dirimir as opacidades em torno desse conceito, propõe que haja um equilíbrio no trato dos componentes linguísticos e sociais presentes nos objetos estudados.

Nessa perspectiva, a AD deve ser vista como um empreendimento transdisciplinar que perpassa o conjunto das ciências humanas e sociais e que é fruto da convergência de correntes muito diversas. Descolada da vontade

de cada pesquisador, a disciplina é resultado, a exemplo dos fenômenos que analisa, das transformações impostas por dada realidade sócio-histórica.

Sob esse prisma, as diversas formas de AD procuraram relacionar os componentes linguísticos às condições sociais (o extralinguístico), promovendo uma interface teórica que aproximou esse campo das questões de pesquisa de ordem histórica, psicanalítica, ideológica, cultural, sociológica, entre outras.

Paveau e Sarfati (2006) ressaltam que essa positiva e produtiva mistura de várias disciplinas comporta diferentes tipologias de AD. Diante dessa diversidade epistemológica, é preciso posicionar a partir de qual perspectiva o objeto em tela será observado. Este artigo, especificamente, dialoga com os pressupostos dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) que, a exemplo das abordagens linguísticas mais contemporâneas, não representam um campo de estudos homogêneo e unificado.

A nossa opção por essa abordagem está baseada não só no aspecto teórico-metodológico, mas também no posicionamento da pesquisa. Isso porque os ECD aderiram à tradição da ciência crítica de deslocar o foco estritamente teórico e acadêmico à preocupação com os problemas sociais, dando prioridade a temas relacionados aos grupos mais prejudicados da sociedade nas pesquisas desenvolvidas.

Partindo mais especificamente da visão sociocognitiva, van Dijk (2017a) define os ECD como um movimento científico que se posiciona explicitamente em relação às desigualdades sociais e procura elaborar um arcabouço teórico crítico capaz de analisar o abuso do poder realizado por meio da produção de discursos.

A construção teórica desse analista tem como preceito principal a asserção de que, inextricavelmente, a relação entre o discurso e a sociedade é mediada pela cognição por meio da produção e do compartilhamento de modelos mentais. Assim, o discurso é compreendido neste texto como uma prática social presente em qualquer “[...] forma de língua manifestada como texto (escrito) ou fala-em-intenção (falado), num sentido semiótico amplo” (van Dijk, 2017b, p. 166).

Aqui pretendemos, de forma especial, ocuparmo-nos da resistência, da estratégia de contrapoder materializada nos contradiscursos veiculados em reação à necropolítica praticada pelo Governo Federal na gestão da crise da pandemia do novo coronavírus. Se, por um lado, o discurso pode ser pensado como uma prática social de exercício de poder, o contradiscurso, por sua vez, relaciona-se à maneira “[...] como os grupos dominados desafiam ou resistem discursivamente ao controle dos grupos poderosos” (van Dijk, 2005, p. 22).

E como prática social, o discurso acompanha o devir intrínseco à sociedade, que, neste momento, tanto em função dos efeitos do pós-digital como pela dinâmica do vírus, tem sido decisivo nos desfechos dos arranjos sociais e políticos. Por isso, mesmo aqueles instrumentos consolidados de análise que eram adequados ao exame das dimensões

ideológicas e poder do discurso precisam ser adaptados para dar conta dos novos ambientes discursivos nos quais “[...] o local de poder são muito mais difusos e os instrumentos de controle ideológico e disciplina são mais sutis e complexos” (Jones; Chik; Hafner, p. 3, 2015, tradução nossa).

Assim, as questões próprias desse ambiente consolidado como campo social (a internet) somadas às peculiaridades das plataformas de redes sociais nas quais o contradiscurso é veiculado proporcionam complexidades aos discursos nativos digitais, ou tecnodiscursos, que são passíveis de interferência de questões de ordem tanto linguageira quanto tecnológica (Paveau, 2017). Isso requer, consequentemente, a mobilização de uma abordagem que dê conta das peculiaridades dos textos em circulação.

É nesse aspecto que a interface da ciência de dados com os ECD e a análise da narrativa digital oferecem uma posição interessante para a observação dessa nova (até quando?) paisagem sociotecnológica em que o discurso é [re]produzido e as interfaces cognitivas e sociais são mobilizadas na produção de sentido e no exercício de poder e contrapoder. Sobretudo porque as ferramentas de extração, mineração e visualização (apresentação dos dados) permitem captar aspectos sutis como a hierarquização de textos realizada pelos algoritmos das plataformas, as interações e as reações permitidas pela especificidade de cada rede social, por meio de botões ou outros artefatos tecnológicos, entre outras possibilidades em um volume de informações impraticáveis para serem operacionalizados “manualmente a olho nu”.

No que diz respeito à observação da Semântica Global, por exemplo, os grafos de palavras produzidos no Gephi a partir de um grande grupo de dados (textuais, interacionais, quantitativos etc.) auxiliam na observação das relações entre os vocábulos e os respectivos agrupamentos em torno de determinados tópicos e temas. Uma única imagem computacional (um grafo de palavras), por exemplo, que foi produzida a partir de métricas matemáticas que analisam o grau ponderado de relação e de associação entre milhares de palavras, possibilita perceber as relações dessas unidades lexicais com os temas do discurso e, consequentemente, constitui a macroestrutura semântica que será responsável por compreender como conhecimentos são mobilizados para impactar os interlocutores do discurso. Além disso, os agrupamentos de vocábulos observados em grafos específicos também subsidiam a identificação das principais macroproposições presentes nos discursos.

Outro aspecto perpassado nesta análise que está presente na interface teórico-metodológica relaciona-se à seleção lexical. A quantificação das palavras também nos possibilitou identificar termos-chave que deveriam ser observados mais detidamente em cada texto a fim de ressaltar os elementos de tensão nas interações próprias do ambiente digital. Tal ação per-

mitiu uma análise quantitativa e qualitativa do discurso que pode desvelar as estruturas tecnolinguísticas mobilizadas na produção de efeitos de sentido e, por conseguinte, no compartilhamento de modelos mentais - estruturas cognitivas presentes na memória formadas por conhecimentos compartilhados e experiências individuais a partir das quais os atores sociais produzem e processam os discursos (van Dijk, 2017b) - que interferem diretamente na perpetuação de estruturas de exploração e de dominação social.

Na seção a seguir, apresentaremos essa proposta de análise na prática a partir do exame do *corpus* coletado.

4. Análise dos tecnodiscursos

São muitas as possibilidades de estruturas do discurso (Tomazi; Cabral, 2017) que poderiam ser analisadas no material extraído da rede social em estudo. Contudo, considerando a observação inicial dos dados, foi possível eleger algumas que, ao nosso ver, podem ser mais incisivas no alcance do objetivo proposto neste artigo. Por isso, optamos por realizar uma análise do tipo quantitativa e quali-interpretativa partindo da Semântica Global e da Semântica Local, como estruturas principais, e das respectivas estratégias discursivas que conformam tais estruturas, quais sejam: macroproposições, seleção lexical, tópicos discursivos, transitividade verbal, multimodalidade, argumentação e quantificação (jogo dos números).

A Semântica Global deve ser percebida como um assunto “[...] de nível mais elevado [...]” (van Dijk, 2017b, p. 259) por estar presente nas demais estruturas do discurso e reunir condições de impactar mais incisivamente os modelos mentais socialmente compartilhados. Ademais, essa matriz geral de sentido e significação é a essência do discurso que geralmente é assimilada na interação.

Para captar essa matriz, segundo van Dijk (1980), devemos seguir o princípio da Semântica de que o todo deve se especificar em termos dos significados das partes. Assim, para captar um sentido global presente nas macroestruturas semânticas de um discurso devemos identificar os sentidos das partes que constituem a semântica local.

Nessa esteira, observando-se o grafo de palavras (Figura 1) gerado a partir de todos os textos minerados na nossa busca, é possível perceber a existência de um universo vocabular coeso, específico, cujos termos se aproximam espacialmente. Isso pode ser confirmado pelo aspecto conciso das cores em relação ao todo lexical. Isso significa que essas palavras, de uma forma geral, relacionam-se mais entre si e aparecem conjuntamente em vários posts ao mesmo tempo.

É possível perceber que o conjunto de todas as palavras coletadas gerou somente três *clusters* de vocábulos, ou seja, com o processamento dos dados

“ Dessa paisagem, podemos destacar a consolidação das formas de comunicação digitais nesta pandemia como os principais meios de práxis política, empregados como instrumentos de [re]ação ”

foram formados apenas três agrupamentos de termos que possuem ligações mais fortes entre si. São macroestruturas semânticas aproximadas por questões como a coerência discursiva e a intencionalidade na produção de sentido que podem ser visualizadas nas cores distintas representadas para cada grupo, conforme a figura abaixo:

O *cluster* amarelo, que reúne os nós de maior densidade (palavras com mais ocorrências, como “quilombolas”, “comunidades”, “covid-19”, “pandemia”, entre outras) e correlações com as demais, concentra termos que são responsáveis por direcionar o tópico principal (ou supertópico) presente em todos discursos. Compreendido aqui como “aquilo sobre o que se fala” (Lins, 2012), é possível inferir desse *cluster* (Figura 2) que os tópicos nele presentes pautam a discussão sobre a pandemia da Covid-19 (coronavírus) nos territórios quilombolas no Brasil, além da mobilização da entidade que representa as comunidades nacionalmente (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas - Conaq) e a defesa da vida e dos direitos dessa população.

Dois trechos recortados das duas postagens que mais receberam interações no conjunto de dados sinalizam como esses termos constituem a base temática geral dos discursos, conforme a seguir: “#SancionaPL1142 O Senado o Projeto de Lei 1142/2020 que estabelece um Plano Emergencial de apoio aos Povos Indígenas, Quilombolas, povos e comunidades tradicionais em função da pandemia de Covid-19” (Mídia Ninja, 2020a, s.p.); e “Bolsonaro negou água, comida e atendimento médico-hospitalar aos indígenas, quilombolas e demais povos e comunidades tradicionais, que estão entre as pessoas com maior vulnerabilidade à covid-19 no país” (Carolina, 2020, s.p.).

Interessante observar que as palavras que compõem o agrupamento amarelo também estão entre aquelas de maior ocorrência no *corpus* (vide Tabela 1), o que confirma

esse primeiro grupo como o responsável por instalar o tópico principal nos discursos analisados. Tal configuração pode ser explicada em parte pela composição da *query* empregada na coleta, que procurou “cercar” as postagens que justamente abordassem questões relacionadas à pandemia nessas comunidades.

Além disso, ao observar essas palavras, as respectivas conexões e a dinâmica dos tópicos nesse grafo, podemos inferir que a principal macroproposição semântica – “[...] aqueles sentidos gerais mais lembrados pelos leitores” (van Dijk, 2016b, p. 23) – é a seguinte: os territórios quilombolas estão sendo afetados pela pandemia e os direitos desses povos devem ser debatidos e defendidos.

O segundo *cluster*, identificado pela cor verde, por sua vez, apresenta tópicos relacionados ao papel do poder público na proteção dos povos e comunidades tradicionais, com a formação de nós mais densos a partir de palavras como “povos”, “indígenas”, “tradicionais”, “pcts”, “saúde”, “medidas”, “enfrentamento” e, mais especificamente, cobranças direcionadas ao executivo (“Bolsonaro”, “presidente”, “plano”, “medidas”, “combate”, “enfrentamento” etc.) e ao legislativo (“vetos”, “congresso”, “pl”, “câmara”, “aprovou”, “projeto” etc.), conforme Figura 3.

Convém observar como o termo “indígenas” tem uma recorrência importante em um *corpus* selecionado a partir de uma *hashtag* específica das comunidades quilombolas. A coassociação de tal termo, o sexto em número de ocorrências, a esse *cluster* deve-se ao debate sobre o Projeto de Lei 1142, aprovado pelo congresso, que teve vários vetos do presidente ao negar apoio aos PCT, por ser abrangente e relacionado, principalmente, às demandas próprias de territórios indígenas e quilombolas. A leitura dos *posts* permitiu perceber que os atores sociais que se manifestavam sobre essas temáticas procuravam posicionar textualmente o apoio tanto aos indígenas quanto aos quilombolas, tendo como pano de fundo, em parte desses textos, a preocupação socioambiental.

Tabela 1

Lista das 20 palavras com maior frequência

	Termo	Ocorrência		Termo	Ocorrência
1	quilombolas	215	11	quilombola	41
2	comunidades	132	12	brasil	41
3	covid19	99	13	nacional	40
4	conaq	77	14	rurais	38
5	pandemia	73	15	ações	36
6	indígenas	57	16	territórios	33
7	povos	57	17	vidas	33
8	federal	51	18	negras	31
9	quilombos	48	19	água	31
10	tradicionais	44	20	direitos	30

Fonte: Elaborada pelo autores a partir de dados extraídos via *CrowdTangle* e processados no Ford

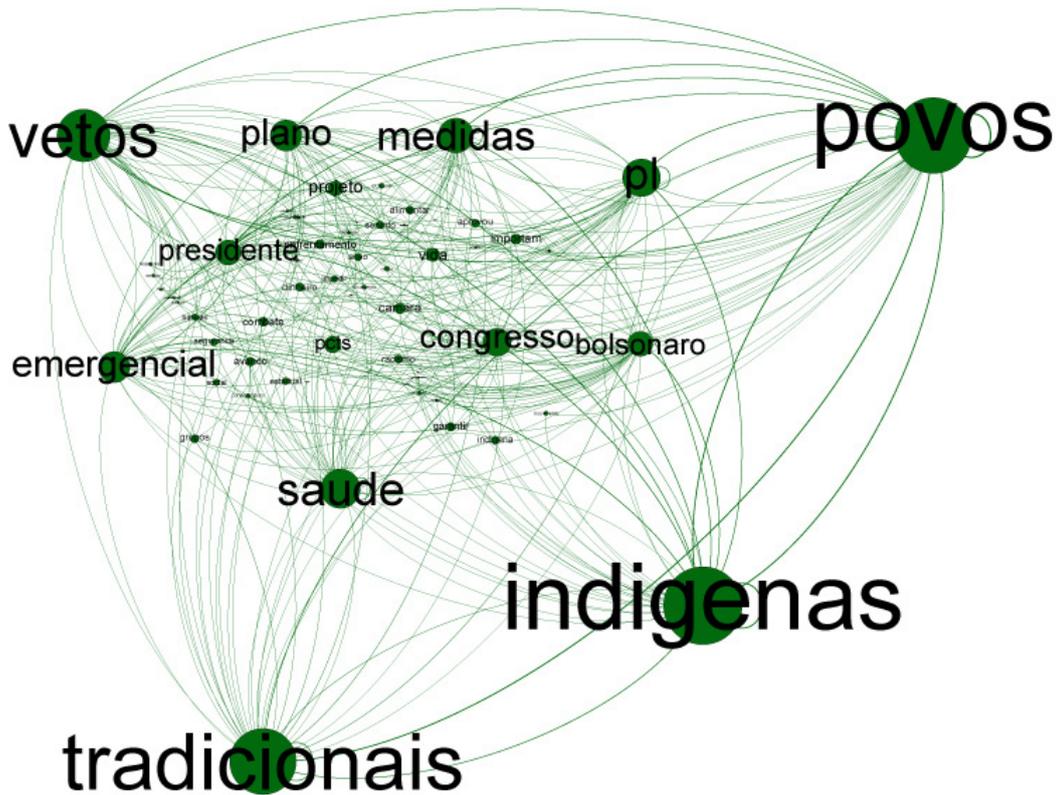


Figura 3

Grafo de palavras gerado a partir de agrupamento específico

Fonte: Dados do Facebook processados pelo aplicativo Gephi

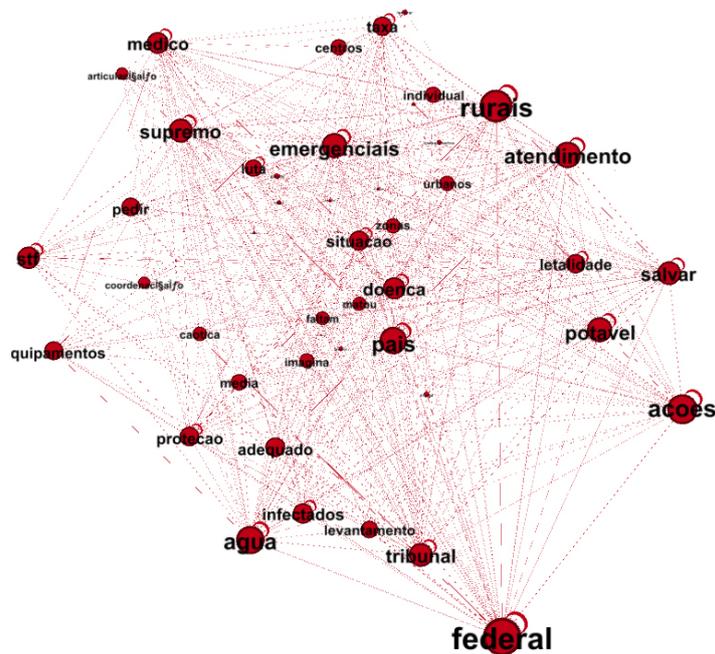


Figura 4

Grafo de palavras gerado a partir de agrupamento específico

Fonte: Dados do Facebook processados pelo aplicativo Gephi

A postagem classificada como terceira em números de interações, consequentemente, que possui relevância de acordo com a lógica classificatória dos algoritmos dessa rede social, demonstra como o autor do discurso procura enfatizar as vidas que estão ameaçadas e devem ser salvas pelo Estado brasileiro: “O Presidente impôs 16 vetos ao PL 1142, que o Congresso Nacional aprovou para, na pandemia, o governo cumprir a sua obrigação de proteger e de salvar vidas de indígenas, de quilombolas e de povos tradicionais” (Contarato, 2020, s.p).

Destaca-se, ainda nesse agrupamento de *posts*, o emprego da estratégia discursiva de seleção lexical. Segundo van Dijk (2016), essa escolha deliberada está relacionada à reprodução de ideologias de grupos, às atitudes dos atores sociais em relação a determinados temas, entre outras questões fundamentais nas relações de poder.

Os léxicos próprios do legislativo e do executivo, destacados anteriormente, reforçam o papel e o poder dessas instituições na gestão da pandemia, inclusive na implantação da necropolítica, decidindo quem deve ser ou não deixado para morrer. Tudo gira em torno do que essa elite simbólica, com acesso e, em certa medida, controle sobre o discurso público em circulação, vai definir como prioritário.

E, se produzir linguagem é agir no mundo, nos termos da Filosofia da Linguagem e da Pragmática (Lins, 2012), podemos inferir também que verbos prototipicamente performativos presentes nesse agrupamento (“vetar”, “aprovar”, “votar”, “garantir”, entre outros), pelas forças ilocutórias deles e em função da própria prerrogativa das instituições envolvidas na questão, podem concretamente definir o destino da vida dos quilombolas.

Assim, é possível identificar nesse grafo, em função da pressão sobre os poderes legislativos e executivo em relação à aprovação e promoção de medidas de apoio às comunidades quilombolas, a produção de um discurso de resistência (ou contradiscurso) em relação à política de morte em curso no período estudado.

Por fim, o terceiro grafo (Figura 4) específico do *cluster* identificado pela cor vermelha apresenta tópicos relacionados aos problemas e às demandas das comunidades quilombolas em relação à pandemia. Vocábulos como “infectados”, “proteção”, “letalidade”, “matou”, “salvar”, “médicos”, “caótica”, “água”, “potável”, “faltam”, “equipamentos”, “adequados” etc. organizam uma apresentação de argumentos que justificam a necessidade de atendimento especial às comunidades quilombolas. Trata-se de uma estratégia que aciona informações socialmente compartilhadas para intensificar o efeito argumentativo, pois

[...] o fator contextual mais relevantemente relacionado à argumentação é o conhecimento. Os falantes só conseguem

convencer seus interlocutores com argumentos quando compartilham o conhecimento sociocultural geral ou o conhecimento especializado desses interlocutores, de modo que podem ser feitas as inferências necessárias que são a base da argumentação (van Dijk, 2017b, p. 270).

E essa estratégia de apresentação de argumentos própria da estrutura da Semântica Local, conforme demonstra a proximidade entre os nós do grafo, é direcionada a uma instituição em especial: o Supremo Tribunal Federal (“tribunal”, “supremo”, “ações”, “stf”, “pedir”, “salvar”). Temos nesse grupo uma espécie de sequência discursiva em relação ao *cluster* anterior considerando a dinâmica de funcionamento dos três poderes. Se os poderes executivo e legislativo se omitem

ou cometem algum ato que descumpra a Lei, o judiciário é acionado para agir na resolução de conflitos existentes, no caso, fazer valer o que está previsto na Constituição Federal em relação à proteção de comunidades quilombolas.

E para que o STF se movimente, há a necessidade de convencimento da legitimidade da ação proposta na corte tanto do ponto de vista jurídico como político, sendo, portanto, necessário o uso da estratégia de argumentação não só para

ganhar as redes como também convencer os ministros. É o que ocorre nas relações estabelecidas entre esses agrupamentos de palavras, apresentados na Figura 4.

No processo de argumentação presente em um dos *posts*, relevante em número de interações, por exemplo, é possível perceber também o uso de quantificadores (jogo dos números) para potencializar os argumentos do discurso em circulação:

A CONAQ foi ao Supremo Tribunal Federal (STF) pedir por ações emergenciais para salvar as comunidades quilombolas da Covid-19. Se a situação nos centros urbanos está caótica, imagina nas zonas rurais, onde faltam atendimento médico adequado, equipamentos de proteção individual e até água potável. A Covid-19 já matou mais de 150 quilombolas e mais de 4 mil deles foram infectados. A taxa de letalidade da doença nos quilombos é de 3,6% (Uma Gota no Oceano, 2020, s.p.).

Em termos gerais, a seleção lexical nos ajuda a identificar a denúncia da prática da necropolítica pelo emprego e recorrência de termos como “racismo”, “omissão”, “caótica”, “mortes”, “doença”, “matou”, “emergenciais”, “letalidade”, “infectados”, “casos”, “óbitos”, “descaso”, “crise”, “tragédia”, “vítimas”, “violência”, “genocida” etc. Enfim, é como se estivéssemos diante de um sumário de termos da necropolítica que é denunciada pelos contradiscursos veiculados no Facebook.

Em sentido verbal, identificamos um processo de denúncia da política de morte e, ao mesmo tempo, uma resistência e uma reação materializada nos elementos verbais de maior

Os territórios quilombolas estão sendo afetados pela pandemia e os direitos desses povos devem ser debatidos e defendidos”

Tabela 2

Interações e reações nas postagens coletadas

Shares	Comments	Likes	Love	Wow	Haha	Care	Sad	Angry	Total
2.664	703	7.908	423	332	32	29	1.318	320	13.729
11.275			816				1.638		

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados extraídos via *CrowdTangle*

ocorrência: “salvar” e “matar”, primeiro e segundo, respectivamente, em termos de uso nos textos analisados.

Especialmente sobre o mais recorrente no *corpus* foi possível observar que os complementos verbais desse verbo se apresentam majoritariamente na forma transitiva direta e indireta. Os termos que cumpriram a função sintática de objeto direto foram “vida”, “comunidades quilombolas”, “comunidades tradicionais”, e “quilombolas”. Por sua vez, “covid”, “corona” e “doença” preencheram a lacuna dos objetos indiretos do verbo salvar. Assim, é possível inferir a seguinte macroproposição semântica para tal conjunto: é preciso salvar as comunidades tradicionais dessa doença.

Por fim, fazendo observações mais gerais sobre o *corpus* coletado, composto por 148 postagens que receberam 13.729 interações de diferentes tipos (compartilhamentos, comentários e reações), é possível observar alguns fenômenos tecnodiscursivos interessantes. Na Tabela 2, excluindo as interações aqui classificadas arbitrariamente como difusas em termos de posicionamento (*shares*, *comments*, *likes*) e separando as demais na dicotomia positivo (*Love*, *Wow*, *Haha*, *Care*) e negativo (*Sad*, *Angry*), identifica-se que a maioria das reações estão ligadas aos sentimentos de tristeza e de indignação em relação ao que foi postado – o que corresponde a quase 70% das reações classificadas.

No caso, as reações negativas são mais frequentes quando os tópicos abordados estão relacionados aos problemas enfrentados pelas comunidades e à negação da assistência aos quilombolas pelo Governo Federal e nos textos que relatam dados de óbitos ocorridos nas comunidades.

O conteúdo da postagem que recebeu mais reações negativas (Figura 5), especificamente, emprega como estratégia discursiva o jogo dos números e faz comparações entre o número de óbitos de quilombolas na Amazônia com a média mundial, o que torna o resultado dessa conta expressivo: “sete vezes maior”. Esse texto multimodal apresenta também uma imagem de crianças quilombolas brincando em um rio com um fundo de floresta preservada, reforçando a identificação desse grupo como PCT e reforçando o argumento de que é necessária proteção especial desse grupo durante a pandemia para também conservar o meio ambiente. Além desses mecanismos, o discurso ainda compartilha uma notícia jornalística sobre a concentração de mortes de quilombolas na Amazônia, um elemento que reforça o valor de verdade em relação ao que foi apresentado na postagem.



Figura 5

Print da postagem que mais recebeu reações negativas

Fonte: Mídia Ninja (2020b)

A Figura 6 (a segunda com mais reações negativas), por sua vez, também apresenta um compartilhamento de notícia sobre o tópico relacionado aos problemas enfrentados pelos quilombolas durante a pandemia, repetindo a estratégia de referendar o conteúdo da postagem com um texto jornalístico. Mas o conteúdo linguístico elaborado pelo autor da mensagem ocupa a maior parte do espaço, trazendo uma relação dos problemas enfrentados pelas comunidades e auxílios que estão sendo negados pelo Governo Federal, relacionando esse descaso às consequências nefastas como a mortalidade.

Dessa forma, a exemplo da Figura 5 que teve como tópico

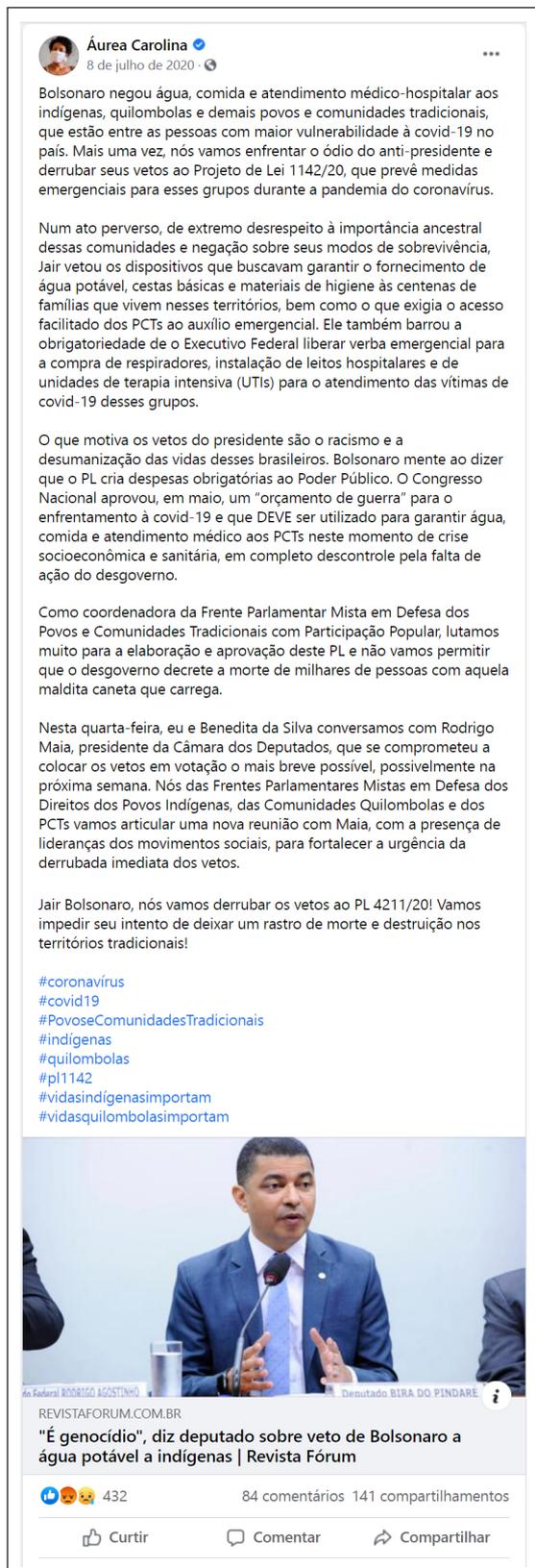


Figura 6

Print da postagem que foi a segunda em número de reações negativas

Fonte: Carolina (2020)

principal a mortalidade de quilombolas, o aspecto da necropolítica, na Figura 6, pode ser identificado pelo emprego de vocábulos como “morte”, “perversão”, “vulnerabilidade”, “vítimas”, “genocídio”, entre outros. Em um trecho específico, o discurso apresenta os motivos do veto presidencial, classificando o presidente como racista e desumano: “O que motiva os vetos são o racismo e a desumanização” (Carolina, 2020, s.p).

5. Considerações finais

A interface promovida entre as ferramentas de investigação da ciência de dados e os percursos teórico-metodológicos dos ECD demonstrou ser efetiva para dar conta de analisar aspectos complexos do que Paveau (2017) denomina de tecnodiscursos. Além da possibilidade de se trabalhar com um volume grande de dados (*big data*), os *softwares* e *scripts* empregados permitiram a visualização completa de relações linguístico-discursivas que o pesquisador, por meio do emprego dos métodos tradicionais de análise do discurso, teria dificuldades em acessar e depurar os dados e informações pertinentes à pesquisa.

O olhar lançado sobre o *corpus*, especificamente, identificou as estratégias discursivas mobilizadas pelos atores sociais para resistir e reagir à política de morte desenvolvida pelo Governo Federal. A seleção lexical demonstrou tanto um movimento discursivo que denunciou os males causados pela necropolítica, quanto outro, que cumpriu o papel de argumentar em favor da proteção especial aos quilombolas e de pedir a salvação desses grupos.

E, se a elite simbólica representada pelos representantes dos poderes legislativo e executivo mantiveram, nas interações estudadas, o monopólio do discurso performativo oficial e legal, os grupos do contrapoder, por sua vez, também performaram por meio do emprego de verbos e de outros vocábulos com esse aspecto pragmático, para argumentar em favor da proteção dos quilombolas e, ao mesmo tempo, para pressionar o STF a fazer valer a lei, conseqüentemente, obrigando a União a amenizar os danos sofridos pelas comunidades.

O contradiscurso estudado empregou estratégias persuasivas como o jogo dos números e o uso de elementos multimodais, além dos demais descritos nas análises, para intensificar a força das mensagens na disputa de poder na ambiência em rede que, especialmente nestes tempos de pandemia e de plataforma da vida, tem definido os destinos do mundo on e off-line.

Como produzir linguagem é agir no mundo, o que vemos, no caso dos discursos que circulam em redes sociais digitais, é o “virtual” impactando o “real”. As notícias a seguir, produzidas após o período de coleta do *corpus* reforçam a importância da disputa de poder por meio da circulação de discursos no ambiente digital, sobretudo quando tais discursos são conformados por ventos que sopram do *sul* que resiste: “STF obriga governo a proteger índios contra o novo coronavírus” (Istoé Dinheiro, 2020) e “Em decisão histórica, STF determina o prazo de 30 dias para Governo Federal criar Plano Nacional de Enfrentamento da pandemia em comunidades quilombolas” (Plurale, 2021).

REFERÊNCIAS

- CALEGARE, M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G.; BRUNO, A. C. S. 2014. Povos e comunidades tradicionais: das áreas protegidas à visibilidade política de grupos sociais portadores de identidade étnica e coletiva. *Ambiente & Sociedade*, **17**(3):115-134. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000300008>
- CAROLINA, A. 2020. Bolsonaro negou água, comida [...].s.p. Facebook: aureacarolina. Disponível em: <https://www.facebook.com/aureacarolina/posts/1383172892028626>. Acesso em: 26/11/2020.
- CONTARATO, F. 2020. O Presidente impôs 16 vetos ao PL 1142 [...]. s.p. Facebook: fabianocontarato. Disponível em: <https://www.facebook.com/fabianocontarato/posts/3329271667118515>. Acesso em: 26/11/2020.
- FIRMO, H.; FINAMORE, R. 2020. O novo coronavírus e a hipótese de Gaia. Disponível em: <https://conexao.ufrj.br/2020/04/02/o-novo-coronavirus-e-a-hipotese-de-gaia/>. Acesso em: 07/12/2020.
- G1. 2021. Brasil registra 2.418 novas mortes por Covid e se aproxima de 460 mil. Disponível neste [link](#). Acesso em: 28/05/2021.
- ISTOÉ DINHEIRO. 2020. STF obriga governo a proteger índios contra o novo coronavírus. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/stf-obriga-governo-a-protger-indios-contra-o-novo-coronavirus/>. Acesso em: 22/12/2020.
- JONES, R. H.; CHIK, A.; HAFNER, C. A. 2015. *Discourse and digital practices: doing discourse analysis in the digital age*. New York: Routledge, 263 p. <https://doi.org/10.4324/9781315726465>
- LINS, P. 2012. O tópico discursivo em charges diárias. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, **XVI**, Rio de Janeiro, 2012. Cadernos do CNLF (CIFEFIL), XVI:999-1013.
- MAINGUENEAU, D. 2020. Resposta ao medo. *Revista Linguagem*, **35**(a):1-17. Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/763>. Acesso em: 23/11/2020.
- MAINGUENEAU, D. 2015a. O que pesquisam os analistas do discurso? *Revista da Abralim*, **14**(2): 31-40. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/abralin/article/view/42547>. Acesso em: 23/09/2020. <https://doi.org/10.5380/rabl.v14i2.42547>
- MAINGUENEAU, D. 2015b. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 192 p.
- MALINI, F. 2020a. A palavra e as coisas: como montar a sua lista de termos para coleta de dados em redes sociais. s.p. Disponível em: <http://www.labic.net/blog/a-palavra-e-as-coisas/>. Acesso em: 28/12/2020.
- MALINI, F. 2020b. O vírus e o negacionismo. s.p. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia/o-virus-e-o-negacionismo-o-sentimento-anti-china-na-origem-do-discurso-negacionista-sobre-covid-19/>. Acesso em: 10/12/2020.
- MALINI, Fábio. 2020c. Quando tudo parecia ser tão distante daqui: a eclosão das narrativas sobre covid-19. s.p. Disponível em: <http://www.labic.net/cartografia/quando-tudo-parecia-ser-distante-daqui/>. Acesso em: 5/12/2020.
- MALINI, F.; ANTOUN, H. 2013. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização social nas redes sociais*. Porto Alegre: Sulina, 278 p.
- MBEMBE, A. 2018. *Necropolítica*. biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. São Paulo: N1 Edições, 42 p.
- MÍDIA NINJA. 2020a. O prazo termina hoje, #SancionaPL1142[...]. s.p. Facebook: MidiaNINJA. Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1912759402215529>. Acesso em: 26/11/ 2020.
- MÍDIA NINJA. 2020b. Em comparação com a média mundial[...]. s.p. Facebook: MidiaNINJA. Disponível em: <https://www.facebook.com/MidiaNINJA/posts/1889238654567604>. Acesso em: 26/11/ 2020.
- MINTZ, A. G. 2019. Mídia e plataforma: aproximações. *Revista Novos Olhares*, **8**(2): 98-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-7714.no.2019.150347>
- OLIVEIRA, O. M. (Org.). 2016. *Direitos quilombolas & dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988*. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 347 p.
- PAVEAU, M.-A.; SARFATI, G. 2006. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 271 p.
- PAVEAU, M.-A. 2017. *L'analyse du discours numérique: dictionnaire des formes et des pratiques*. Paris: Hermann Éditions, 399 p.

- PLURALE. 2021. Em decisão histórica, STF determina o prazo de 30 dias para Governo Federal criar Plano Nacional de Enfrentamento da pandemia em comunidades quilombolas. Disponível em: <https://www.plurale.com.br/site/noticias-detahes.php?cod=18302&codSecao=28>. Acesso em: 29/05/2021.
- SANTAELLA, L. 2016. *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*. São Paulo: Paulus, 280 p.
- SANTOS, B. S. *A cruel pedagogia do vírus*. 2020. Coimbra: Almedina, 32 p.
- TOMAZI, M. M.; CABRAL, A. L. T. 2017. Argumentação e estratégias textual discursivas. *Language and Law*, **4**(2): 50-71.
- THOMPSON, J. B. 2018. A interação mediada na era digital. *Revista Matrizes*, **12**(3): 17-44. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i3p17-44>
- UMA GOTA no oceano. 2020. Nossa gota Letícia Colin [...]. s.p. Facebook: movimentogotadagua. Disponível em: <https://www.facebook.com/movimentogotadagua/posts/2808557212577071>. Acesso em: 26/11/2020.
- VALENTE, Rubens. 2020. Socorro a indígenas e quilombolas foi o mais vetado por Bolsonaro, diz ONG. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/07/13/vetos-auxilio-coronavirus-indigenas-quilombolas.htm>. Acesso em: 14/12/2020.
- VAN DIJK, T. A. 2017a. *Discurso e poder*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 286 p.
- VAN DIJK, T. A. 2017b. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. 2ª ed., São Paulo: Contexto, 336 p.
- VAN DIJK, T. A. 2016. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. *Letrônica*, **9**(n. esp):s08-s29. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2016.s.23189>
- VAN DIJK, T. A. 2005. *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. Porto: Campo das Letras, 226 p.
- VAN DIJK, T. A. 1980. *Macrostructures: an interdisciplinary study of global structures in discourse, interaction, and cognition*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 326 p.
- VEJA. 2017. Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>. Acesso em: 14/12/2020.